

1

Canudos no Brasil e Tomóchic no México: Uma Análise Comparada de dois Movimentos Sociais a Partir de Duas Narrativas Literárias.

Ival de Assis Cripa¹

Resumo: A exposição irá discutir, de uma perspectiva comparada, os traços comuns e as características particulares entre as rebeliões de Canudos no Brasil e a rebelião de Tomóchic no México, que ocorreram na última década do século XIX. Como se trata de duas rebeliões que foram brutalmente reprimidas pelo Exército dos dois países, a exposição irá abordar o testemunho de dois militares e “escritores jornalistas”: o brasileiro Manuel Benício e o mexicano Heriberto Frías. Vamos abordar duas obras literárias elaboradas pelos dois autores, respectivamente, que converteram a cobertura do conflito em literatura e enfrentaram problemas com o exército e com o Estado brasileiro e mexicano, pelo teor de seus escritos em seus artigos de jornais. A análise das duas obras literárias nos permitirá demonstrar como, tanto nos sertões do Brasil como na fronteira Norte do México, o objetivo da repressão aos sertanejos brasileiros e aos indígenas e mestiços de Tomóchic era construir uma definição rígida do espaço da nação. A abordagem dos escritos de Frías e Benício de uma perspectiva comparada, tomando-os como uma fonte híbrida, situada entre o jornalismo, a literatura e a história, visa ainda refletir sobre o processo de construção de determinados estigmas em torno de Antônio Conselheiro no Brasil e de Teresa Urrea, “La Santa de Cabora” no México e seus seguidores. Como iremos demonstrar, a construção desses estigmas visava legitimar a ação repressiva do Estado sobre esses dois movimentos sociais.

A rebelião de Tomóchic, que eclodiu no México em 1892 e a de Canudos, que ocorreu no Brasil em 1896, opôs os sertanejos seguidores de Antonio Conselheiro e os indígenas seguidores de Teresa Urrea, “La Santa de Cabora”, contra os exércitos federais dos dois países. Há alguns traços comuns entre os contextos históricos das duas rebeliões, haja vista que tanto a Guerra de Tomóchic como a de Canudos, foram guerras que visavam reafirmar o projeto de nação imposto por duas ditaduras. Tanto nos sertões do Brasil, como na fronteira Norte do México, o objetivo desses dois governos ditatoriais era construir uma definição mais rígida do espaço da nação nos dois países. A prática da violência contra indígenas, sertanejos e mestiços era uma constante no final do século XIX na América Latina e os movimentos sociais de Canudos e Tomóchic expressam esses choques entre temporalidades distintas e entre culturas antagônicas, no plano das armas, do trabalho e da linguagem.

Nesta comunicação vamos abordar duas narrativas literárias e testemunhais sobre esses dois movimentos sociais e analisar o processo de construção de determinados estigmas sobre esses dois movimentos, construídos para legitimar a ação

¹ Professor da Faculdade de Comunicação Social do UNIFIEO, Osasco/SP. Pesquisa financiada pelo Instituto Fieo de Pesquisa (IFIP). O texto apresentado aqui é uma parte da pesquisa desenvolvida a partir da parceria entre o UNIFIEO e o Departamento de História da USP, sob a supervisão da Professora Dra Maria Helena Rolim Capelato, Professora Titular de História da América do Dep. de História da USP.

2

repressiva do Estado sobre os mesmos. Tomaremos como fonte os escritos do mexicano Heriberto Frías e de Manuel Benício, que na condição de “correspondentes de Guerra”, escreveram artigos de jornal sobre as Guerras de Canudos e Tomóchic que mais tarde foram transformados em crônica romanceada sobre a Guerra de Canudos e romance histórico sobre a Guerra de Tomóchic no México. Tanto Heriberto Frías como Manuel Benício eram militares de formação e ambos tiveram que se explicar perante o exército federal dos dois países, por criticarem a ação do exército.

Como Canudos, a rebelião de Tomóchic ocorreu em função da condição de abandono e opressão nas quais os camponeses da região se encontravam. Segundo Heriberto Frías: “Aquel pueblo perdido en la Republica, ignorado y oscuro, fué abandonado, por su aparente insignificancia, por el Gobierno del Estado de Chihuahua y por el eclesiástico, sin que ni uno ni otro, sin ilustrarlo, dejase — eso si — de cobrar los impuestos, agravados día a día.” (FRÍAS, Heriberto, cap. VII, p. 51). Também no México, como nos sertões do Brasil no final do século XIX, os camponeses rebelados de Tomóchic estavam em conflito com a Igreja e eram liderados por um personagem chamado Cruz Chaves, que da mesma forma que Antonio Vicente Mendes Maciel, que era conhecido como “o Conselheiro”, era chamado pelos camponeses de “Santo Cristo de Chopeque”. Antônio Conselheiro, como se sabe, também era chamado pelos camponeses de “Nosso Bom Jesus”.

Heriberto Frías ao fazer referência à Cruz Chaves, “Santo Cristo de Chopeque” líder da revolta, constrói um discurso que visa criar a imagem dos inimigos do Estado que devem ser combatidos. Tais representações visam legitimar a práxis repressiva do Estado Porfirista: “Cruz Chaves, el Caudillo, les predicaba una extraña religión, especie de catolicismo cismático que desconocía al Clero, mezclado con extravagantes ideas de santidad, propias de un estado inculto y de una ignorancia completa, candorosa y terrible” (FRÍAS, p.23). O conceito expresso por Frías de que a revolta dos camponeses em Tomóchic é expressão de um catolicismo próprio de um “estado inculto” e de uma “ignorância completa” deprecia as formas de religiosidade populares e indígenas, tal como muitos intérpretes de Canudos fizeram. Segundo Marco Antônio Villa, “O conceito de catolicismo rústico desqualifica as formas de religiosidade sertaneja, pois rústico pressupõe a existência de um catolicismo mais elaborado – adotado pela classe

3

dominante – e outro de qualidade inferior, produto da ‘falta de conhecimentos religiosos’. Há uma nítida distinção entre a religiosidade popular e o catolicismo oficial da Igreja Romana” (VILLA, 1995: 37).

De modo semelhante, Manuel Benício ao fazer referência aos seguidores de Antonio Conselheiro, parte de uma matriz discursiva semelhante e que visa construir a representação do inimigo do Estado que deve ser combatido. Segundo Benício os sertanejos de Canudos eram “(...) um número magote de ciganos, errando por países estrangeiros. Aleijados, doidos, donzelas, ladrões, doentes, assassinos, vagabundos, cantadores, mocambeiros, cegos, possessos, incestuosos, pobres, afortunados, prostitutas, a mais hedionda mescla que se pode aglomerar por monomania religiosa estendia-se atrás de Conselheiro, o chefe, o pastor e o pai daquele ambulante Pátio de Milagres.” (BENÍCIO, 36).

Heriberto Frías também desqualifica as práticas religiosas dos camponeses de Tomóchic, para quem o culto à Teresa Cabora era uma exasperação medieval de camponeses incultos que se dirigiam à Tomóchic como se o vilarejo fosse uma verdadeira Meca: “De repente sopla caliente rãfaga de fanatismo religioso y el nombre de la Santa de Cabora es pronunciado con veneración, y sus milagros narrados de mil maneras, con una exageración medieval. ¡La Santa de Cabora! Los viajeros que de Sonora pasaban por Tomóchic, contaron maravillas ; y los mismos tomochitecos, que con sus recuas se dirigían a aquel Estado, volvían como de una venerada Meca.” (FRÍAS, 51)

Segundo Robert Levine (p. 169), durante o século XIX os brasileiros ainda tentavam apagar o estigma do primitivismo e da miscigenação e positivistas seculares como Euclides da Cunha não confiavam nas classes baixas. Todavia, “ Se no Brasil de fins do século XIX, a adoção de valores como o republicanismo e o positivismo racional e um novo ideário moderno realmente significaram uma mudança para as elites urbanas, no interior, as antigas formas de enxergar o mundo continuaram a prevalecer, explodindo sob formas aparentemente autodestrutivas, notoriamente no comportamento de homens como Antônio Conselheiro” (LEVINE, p. 170).

Um aspecto que permite traçar um paralelo entre as práticas religiosas no Norte do México e em Canudos, é que se por um lado as práticas e os cultos religiosos de

4

origem africana predominavam na capital da Bahia e ao longo da costa, esses cultos penetravam pouco no sertão. É verdade que os matutos recuperaram muitas das entidades africanas em suas práticas de curandeirismo. Nos sertões do Brasil, porém, predominavam segundo Levine,

...as práticas e crenças ameríndias, a maioria delas animista: falcões, jaguares, tartarugas, pássaros canoros antropomórficos e personagens sobrenaturais errantes, lobisomens, mulas sem cabeça e o diabo em todas as suas formas (boitatá, capazes de proteger ou destruir os roçados, caaporas, demônios montados que cruzavam os campos em noites de lua cheia; e os diabólicos sacis, que atacavam viajantes retardatários em noites de Sexta-feira da Paixão)” (LEVINE, 163).

O preconceito diante das práticas religiosas dos sertanejos e camponeses mexicanos faz parte, nas narrativas de Frías e de Benício, da elaboração de um discurso que visa construir um paradigma que mereça credibilidade e seja consensual, o paradigma da criminalização e do fanatismo que legitima o massacre dos sertanejos e dos indígenas e mestiços nos dois países: “As estratégias de patologização e criminalização apóiam-se na associação semântica dos paradigmas em vários aspectos: na vertente Conselheiro, o desprezo à autoridade se acopla tanto com o fanatismo quanto a fraude e a criminalidade. Os discursos eclesiásticos e estatais interligam-se ao associarem heresia com doença mental. A junção do fanatismo com doença mental torna-se o elemento decisivo que fundamenta a patologização” (BARTELT, 98).

Heriberto Frías, na mesma linha de raciocínio que visa construir a figura do inimigo a ser combatido, afirma que os camponeses rebelados de Tomóchic eram “bandos enfermos” e de possuídos pela uma “demência mística”, uma tribo de excluídos da vida nacional: “Aquel puñado de fieros hijos de las montañas estaba poseído de una frenética demencia mística. Un vértigo confuso de libertad, un anhelo poderío en aquellas almas ignorantes, sopla bárbaro impulso sobre la tribu aislada extrañamente de la vida nacional” (FRÍAS, 57).

O Contexto Geral das Duas Revoltas

Em 1889 iniciou-se um duro período para os Estados do Norte do México. Em todo o Estado de Chihuahua, as secas faziam com que os afluentes do Rio Bravo

5

desaparecessem, ante a ausência de chuvas: “La situación crítica no sólo se reflejó en el paulatino abandono de los campos chihuahuenses, sino en la gran mortandad de ganado: sólo en los primeros meses de 1890 la escasez de lluvia había ocasionado el deceso de 125 mil animales.” (OHMSTEDE, 1997: 8). Na década de 1890, ocorreram duas secas mais ou menos generalizadas, a de 1891 e a de 1895, que se concentraram nos Estados do Norte. A seca de 1891 foi, segundo os especialistas no tema, “una de las ‘sequías más generalizadas’ del siglo pasado, comparándola con la que se había dado casi cien años atrás.” (OHMSTEDE, 1997: 8).

Como no Nordeste seco dos sertões do Brasil, nos Estados do Norte do México a “indústria da seca” era um efeito muitas vezes mais nefasto que a falta de água propriamente dita, haja vista que os comerciantes se aproveitavam da situação para monopolizar a distribuição de grãos e superfaturar os preços: “En 1891 y 1892 se dio el mayor aumento en los precios de alimentos en el país, ya que el maíz, en términos generales, subió de uno a 12 pesos la carga, lo que definitivamente quedó fuera del alcance de la mayoría de la población tanto urbana como rural.” (OHMSTEDE, 1997: 10).

O aumento do preço dos produtos básicos não se dava somente em função da seca, pois várias eram as denúncias na imprensa e por parte das autoridades civis, de que os comerciantes queriam enriquecer a custa da fome da população: “En otros casos, se responsabilizaba a los comerciantes de algunas carestías generalizadas, como en la crisis de 1891-1892, en que se consideró que lo que hasta cierto punto parecía ser una ‘escasez normal’, se volvió crónica debido al acaparamiento, la monopolización y la especulación.” (OHMSTEDE, 1997: 11).

O Nordeste brasileiro, segundo Marco Antonio Villa, após a grande seca de 1877-1879, passou a ser identificado como região problema. Segundo Villa, depois da verdadeira hecatombe gerada pela seca de 1877-1879, seria necessário um programa de reconstrução econômica, a ser viabilizado com ajuda do governo central. Todavia, os recursos públicos foram desviados para o Sul, sem o protesto da elite política nordestina, preocupada com a economia açucareira, e lutar contra a abolição da escravidão: “não tinham um projeto de classe – muito menos regional – para o futuro: pensavam somente no presente, em preservar seus privilégios” (VILLA, 86).

6

Segundo Robert Levine (1995, p.200), Canudos afetava os interesses dos fazendeiros da região e em especial do Barão de Jeremoabo, que era o principal fazendeiro afetado pela ascendência do Conselheiro sobre a população local, tornando-se seu inimigo implacável. O barão de Jeremoabo havia sido uma figura importante no Partido Conservador e após a queda da Monarquia aderiu à nova ala estadual do Partido Republicano Federal (PRF-Bahia). Quando o Partido Republicano Federal se dividiu, devido a problemas de clientela e poder interno (LEVINE, 1995, p. 207), Dantas Martins (o barão de Jeremoabo), foi o principal fundador do Partido Republicano Constitucional, que era de oposição o PRF. Com base de poder no interior esse partido foi fundado no mesmo ano da fundação de Canudos: 1893.

Com a divisão do Partido Republicano, os seguidores de Conselheiro foram buscar proteção junto à facção oposta ao barão de Jeremoabo, liderada por Luis Vianna. Segundo Levine, não se pode saber se houve algum contato entre os partidários de Vianna e os conselheiristas. Possivelmente as facções lideradas por Luis Vianna viam os seguidores de Antonio Conselheiro como votos potenciais que poderiam lhes garantir hegemonia local: “O Conselheiro se manteve distante dessas questões, mas a defesa que teve sugere que alguns contatos foram feitos (...) sabemos que a facção viannista queimou publicamente editais de cobrança gonçalvistas, simbolizando sua oposição implacável a esse tipo de medida. As provocações de Conselheiro à República podem ser vistas como atos da mesma natureza.”(LEVINE, 1995, p. 208).

Antônio Conselheiro e seus seguidores se viram inseridos entre as velhas disputas de facções da oligarquia brasileira e Canudos foi um dos vários pontos de instabilidade política na Bahia (LEVINE, 1995, P.208). Na política estadual, a facção leal ao barão de Jeremoabo saiu vitoriosa nas eleições baianas e começou a aprovar as primeiras medidas legislativas contra o Conselheiro, pois foi “sobre seu anti-republicanismo que recaíram as primeiras ações punitivas empreendidas pelo governo estadual” (LEVINE, 291).

Tomóchic, como Canudos, também foi uma rebelião que se insere nos conflitos entre as políticas centralistas do Estado Porfirista e os interesses das elites locais. Em Chihuahua, houve um problema de caráter político, que ocorrera em função do enfraquecimento da aliança entre Porfírio Díaz e seus aliados, fazendo com que o grupo

7

liderado por Luis Terrazas, um cacique político local, intensificasse a pressão para evitar a eleição de Lauro Carrillo, que governara o Estado entre 1888 e 1892.

Segundo Maria Esther Montanaro, Luis Terrazas havia sido um juarista defensor das reformas liberais de Benito Juárez e conquistou uma certa projeção, após ser eleito e cumprir o mandato de governador do distrito do Estado de Chihuahua, conquistando um enorme prestígio e poder político e econômico na região. Terrazas participou da guerra contra os apaches e contou para isso com grande apoio popular, aglutinando apoio de vários segmentos da sociedade. Segundo Heriberto Frías, a campanha contra os apaches foi estimulada por Porfírio Díaz: “Hacia algunos años que el Gobierno del Estado de Chihuahua habia organizado una campana contra los apaches que asolaban los pueblos y las rancherías, robando, entrando a sangre y fuego por todas partes, con toda la fuerza lugubre de un desastre invasor. El Gobierno ofreció 300 pesos por cada cabellera de apache muerto en la campaña.” (FRÍAS, Heriberto, cap. VII, p 104)

O Coronel Terrazas, por ser considerado um “astuto conocedor de las regiones del Norte, de las costumbres de los indios, incansable y tenaz veterano”, afirma Frías, liderou uma campanha de 500 homens contra os apaches. Os membros da campanha são representados por Heriberto Frías como “audaces montañeses de la Sierra, sedientos de vengar la muerte de seres queridos, ansiosos por exterminar las bordas salvajes que llevaban el duelo y el espanto a los hogares de la gente laboriosa y pacífica. Larga fué la campana ! (FRÍAS, Heriberto, cap. VII, p 104). O grupo de Terrazas conseguiu expulsar os apaches das terras para o outro lado da fronteira nos EUA, mas a campanha custou a vida de 400 homens e do grupo inicial de sobraram 115 sobreviventes, que retornaram à Tomóchic junto com o Coronel Terrazas.

Com enorme prestígio no Estado de Chihuahua, o Coronel Terrazas era inimigo de Porfírio Díaz, que não via com bons olhos seus antecedentes liberais e lhe incomodava esse enorme prestígio e poder de Terrazas no Estado de Chihuahua. Por tais motivos, quando terminou o mandato de Terrazas, Porfírio Díaz, com o apoio de outros líderes políticos da região, conseguiu “eleger” Carlos Pacheco como governador do Estado de Chihuahua, para cumprir o mandato entre 1884-88. (MONTANARO: 2011).

8

Entre novembro de 1891 e outubro de 1892, a situação ficou mais tensa com as eleições dos funcionários municipais que foi boicotada pelos habitantes daquele povoado, que preferiram participar de uma peregrinação e não votar. Segundo Esther Montanaro, nesse momento as autoridades locais passaram a acusar os tomochitecos de praticarem alguns “roubos” e os tachavam de fanáticos religiosos por “los cultos que mantenían hacia Teresa Urrea, la Santa de Cabora y al Santo Cristo de Choqueque, un laico anciano llamado Carmen María López y Valencia, un ‘demandante’ que pedía limosnas destinadas a promover el culto de la Virgen del Refugio.” (MONTANARO, 2011).

As autoridades locais e a Igreja resolveram se unir para combater os rebeldes de Tomóchic. Todavia, foram necessárias três expedições militares do exército federal mexicano (as duas primeiras foram derrotadas) e o nível de resistência dos rebeldes deixava claro que os camponeses de Tomóchic não estavam mais dispostos a abrir mão de seus direitos e de seu modo de vida. Entre as causas da rebelião, podemos citar: “el arribo de una avalancha de capitales extranjeros, el creciente acaparamiento de tierra, así como la tendencia manifiesta en la Constitución local de 1887 a la centralización política, a través de la cual fueron creadas las jefaturas políticas, que disminuían considerablemente las facultades de los ayuntamientos.” (MONTANARO, 2011)

Teresa Urrea, La Santa de Cabora e Antonio Conselheiro

As informações sobre Teresa Urrea, líder religiosa que inspirou os camponeses rebelados em Tomóchic são desconstruídas. Salvador Bernabéu afirma que ela era filha natural de um rico fazendeiro de Sonora, chamado Tomás Urrea e de Cayetana Cháves, índia tehueca, tendo nascido em 15 de Outubro de 1873. Gillian Newell acrescenta que ela nasceu em Ocoroni, Sinaloa, México e que sua mãe tinha 14 anos quando a mesma foi concebida, após o fazendeiro forçar sua mãe, que era empregada da fazenda, a ter relações com ele. Segundo ARIAS e DURAN (2009: 13), possivelmente Teresa Urrea também foi vítima de estupro. Segundo Gillian Newell sua mãe era de origem Yaqui e não Tehueca, como afirma Bernabéu?

Teresa Urrea, “La Santa de Cabora” viveu com sua mãe até 1888 e depois abandonou-a e passou a viver com o pai, que era proprietário de uma fazenda, entre os

9

rios Yaqui e Mayo. Na fazenda Cabora, próximo de Álamo, ainda com 16 anos de idade ela sofreu um ataque de catalepsia que a manteve entre a vida e a morte durante três meses segundo Salvador Bernabéu. Ao se restabelecer Teresa Urrea começou a “curar” pessoas com imposição de mãos e dizer que tinha falado com o Espírito Santo. Seu nome está associado a três revoltas populares: a dos índios Mayos que assaltaram Navojoa gritando “Viva la Santa de Cabora”, a dos Yaquis que retomaram a guerra contra o governo Porfírio Díaz e os rebeldes de Tomóchic em Chihuahua. Essa última rebelião foi a gota de água para que Teresa Urrea fosse presa com seu pai e obrigada a se exilar nos EUA.

Em 1892, ano em que os espanhóis comemoravam 400 anos da conquista da América, a fronteira norte do México sofreu a última incursão dos Apaches. Nesse ano foi sufocado o movimento dos camponeses de Tomóchic, que estavam inspirados em “La Santa Cabora”. Esse movimento já foi qualificado pela historiografia como “Revolução Adelantada” (citar livro), uma vez que antecipa muitas tensões sociais latentes que irão eclodir com a Revolução Mexicana. O “pretexto” inicial para que as hostilidades entre o governo do Estado de Chihuahua e os camponeses comessem, foi a visita do governador desse Estado a uma Igreja em Tomóchic, quando o governador se apropriou de uma pintura religiosa da Igreja sem pedir permissão para os membros do povoado.

O governo de Porfírio Díaz atribuiu a responsabilidade da revolta à Teresa Urrea, mas na verdade os revoltosos haviam procurado o apoio dela depois do primeiro ataque das tropas federais ao movimento de Tomóchic (ver NEWELL, 2002: 110). Após ser responsabilizada por incitar o movimento, Porfírio Díaz mandou prendê-la e forçou seu exílio para os EUA em 1892. Mesmo exilada, Teresa Urrea continuou influenciando rebeliões populares, tanto que em 1896 os índios Yaquis assaltaram a aduana de Nogales e se diziam ser contra o “mau governo”. Segundo Gillian Newell (2002: 110), durante o ataque se ouvia gritar ‘Viva La Santa Cabora’ e entre os pertences dos índios yaquis mortos no ataque se encontrou uma foto de Teresa Urrea.

Em pouco tempo “La Santa Cabora” tornou-se conhecida popularmente também como “La Niña Santa” e exercia enorme influência sobre as populações índias e mestiças de Sonora, Sinaloa e Chihuahua. Teresa Urrea começou, então, a proferir

10

discursos políticos contra as autoridades políticas e eclesiásticas representantes da Igreja e do Governo de Porfirio Díaz, influenciada por seu pai que era liberal, anti-clerical e anti-porfirista (ALBERT, 1999: 465). Heriberto Frías no final de seu livro dedica um capítulo especial para problematizar a participação e influencia de Teresa Urrea no conflito. Frías questiona como seria possível uma moça humilde do norte de Sinaloa, crescida numa região violenta, entre o ódio das “guerras índias” com uma alma fulminada pelo “delírio de um misticismo ferozmente armado de carabinas Winchester”, ter exercido tamanha influencia sobre os camponeses revoltosos?

Segundo Frías: “¿Qué papel había desempeñado aquella pobre muchacha histórica cuya epilepsia pacífica sugería tales embriagueces bélicas en los aislados hombres fieras en las montañas, qué juego inconsciente desarrolló en el misterio primitivo de la épica rebelión de Tomóchic?” (FRÍAS, Cap. XXXVIII, p. 156). Para o jornalista e escritor, Teresa Urrea havia sido manipulada por “ocultas mãos”, as mãos de “mexicanos indignos” que provocavam a guerra por interesse pessoal e eram piores que os “antigos bandidos”, antecipando a interpretação de que os soldados de Villa eram “bandidos” e não camponeses oprimidos pelo Estado Porfirista.

Após ir para os EUA, Teresa Urrea foi influenciada, também, por Lauro Aguirre, um engenheiro de Chihuahua que era metodista, espírita, jornalista e político anti-porfirista e que passava a vida “planejando revoluções”, afirma Salvador Bernabéu. Entre 1889 e 1892 Teresa Urrea foi visitada por 200.0000 pessoas em peregrinação, segundo dados apresentados por Salvador Bernabéu (1999: 465). A imprensa nacional e estrangeira (ARIAS e DURAN, 2009: 15) se encarregaram de projetar o nome de “La Santa de Cabora” no México e nos EUA. Escapulários com a foto da “Santa de Cabora” eram vendidos e os camponeses rebelados de Tomóchic antes de sair para o combate eram inspecionados não só se estavam com munição, mas também se todos levavam escapulários com a imagem de Teresa Urrea para proteção:

A las seis de la tarde se reunieron los tomoches en el patio de la casa de Cruz Chávez, dentro de la empalizada. Pasó revista, grave y sombrío. Se cercioró de que todos estaban listos, bien municionados y provistos de pinole (maíz molido), gordas y tasajo. Reconoció con igual minuciosidad los escapularios e

imágenes de la Santa de Cabora y las municiones y carabinas. Después, cada jefe seguido de su guerrilla marchó a su puesto (FRÍAS, Cap. XXI, p. 81)

Quando Teresa Urrea chegou aos EUA, o e seu amigo Lauro Aguirre, o “jornalista espírita”, tratou de fazer uma campanha publicitária visando conseguir recursos para melhorar a imagem da Santa de Cabora: “Desde entonces, la nina de Cabora se convirtió en una mujer elegante, bien vestida e impecablemente peinada. Atrás quedaron el rebozo, el pelo largo y sus pertinaces seguidores, indios pobres, perseguidos por el régimen y refugiados al otro lado de la frontera” (DOMEQ, 1992, APUD ARIAS E DURAN, 2009: 15). Instalada em El Paso, com ajuda de Lauro Aguirre passou a transitar por vários círculos sociais e se converteu em líder espiritual de um amplo movimento contra Porfírio Díaz, “La santa se movía con soltura por las ciudades fronterizas, incluso viajó a Los Ángeles y Nueva York. Finalmente se naturalizó norteamericana para evitar la extradición y desarrollava con éxito sus labores curanderiles y religiosas.” (ARIAS e DURAN, 2009: 16).

Para Duran e Arias (2009: 24), a difusão do culto à “La Santa de Cabora” deve-se, entre outros motivos, a três avanços tecnológicos importantes no período: o desenvolvimento das ferrovias, a imprensa e a fotografia. Esses inventos intensificavam o movimento de informações e pessoas, possibilitando as peregrinações constantes e os exílios de “la Santa de Cabora”. O trem não só unia assentamentos dispersos de camponeses, mas reunia pessoas e colocava em circulação os saberes, gerando novas experiências e crenças religiosas, pois a tradição oral começava então a viajar de trem, na boca dos viajantes.

Em ambos os lados da fronteira, circulava abundante imprensa com informações sobre “La Niña Santa” e as fotografias não eram somente “notícias”, mas, para o desespero da Igreja, permitiam que a devoção a uma “Santa” em vida se expandisse com milhares de fotos com a imagem de Teresa Urrea circulando tanto no México como nos EUA. A título de comparação, vale lembrar que “Canudos”, como acontecimento discursivo, não nasceu com a fundação do arraial de Belo Monte em 1893, nasceu segundo Bartelt, no dia 22 de Novembro de 1874, quando a imprensa noticiou a

12

aparição de Antônio Conselheiro na região, num momento em que a opinião pública brasileira começa a se tornar uma opinião moldada pela imprensa:

Nesse dia de Novembro, o jornal O Rabudo, publicado na cidade de Estância, Sergipe, dedica-se com muita seriedade a um ‘aventureiro santarrão que se apelida Antônio dos Mares’. É significativo o fato de Maciel iniciar algo que mais tarde vai ser (re)construído como ‘pré-história da Guerra de Canudos numa página de jornal. De fato “Canudos” acontece numa época em que a opinião pública brasileira começa a se tornar uma opinião pública modelada pela imprensa.” (BARTELT, 2009, P. 33).

Para concluir gostaria de apontar uma diferença significativa entre a biografia de Teresa Urrea e a de Antonio Conselheiro. “La Santa de Cabora”, após fugir para os EUA, passou a levar a vida de uma mulher “moderna”, elegante, bem vestida e penteada, enquanto Antônio Vicente Mendes Maciel pregava a ascese, atacava o vestuário feminino, tais como os cachecóis de lã, botas ou bijuterias (BARTELT, 2009, p. 33). Outra característica importante que diferencia Teresa Urrea do Conselheiro é o que os seguidores Teresa Urrea eram, além dos camponeses indígenas na fronteira com os EUA, jornalistas e políticos influentes, no México e nos EUA. Já o séquito de Antônio Conselheiro era composto por pessoas humildes de diversas profissões, pequenos comerciantes e alguns lavradores de subsistência (BARTELT, 2009, p. 42).

Nas descrições da época, diferente de Teresa Urrea, Antônio Conselheiro aparece como uma pessoa pacífica e tímida, que falava em voz baixa, que se recusava a violência e ao falar, conservava o olhar voltado para baixo (BARTELT, 2009, p. 42). Para Antônio Conselheiro, a República representava “a lei do cão”, ao separar Igreja e Estado e instituir o casamento civil. Para de “La Santa de Cabora” os maiores inimigos do homem eram o dinheiro – ícone da modernização capitalista –; os padres, que reprimiam as práticas religiosas populares e os “doutores” (médicos) –ícones do saber científico–, que condenavam as suas práticas de “cura”. Todavia, apesar dessas diferenças entre as idéias do Conselheiro e de “La Santa de Cabora”, a repressão tantos dos sertanejos de Canudos, como dos camponeses indígenas de Tomóchic faz parte do enquadramento forçado dessas populações no tempo da civilização técnica, (HARDMAN, 1998, p. 186). Na América Latina, no contexto da crise civilizatória do

13

final do século XIX, as classes dominantes, ao reprimirem as rebeliões de Canudos e Tomóchic, impuseram à força o desmanche físico de práticas e experiências socioculturais sertanejas, indígenas e mestiças nos dois países.

Fontes

BENÍCIO, Manuel. **O Rei dos Jagunços. Crônica Histórica dos Costumes Sertanejos Sobre Os Acontecimentos de Canudos.** Rio De Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. 2.a edição (1ª. Edição 1899 Tipografia do Jornal do Commercio e Rodrigues & C)

FRÍAS, Heriberto. **TOMÓCHIC: NOVELA HISTÓRICA MEXICANA.** México, 1911, 5ª. Edição, LIBRERIA DE LA Vpa DE CH. BOURET, cap. pág. 16. Exemplar da Livraria da Universidade de Michigan.

Referencias Bibliográficas

ALBERT, Salvador Bernabéu. **As Vueltas con 1892. Violencia y Milenarismo En La Frontera Norte de México.** *Revista de Indias*, 1999, vol. LIX, Núm. 216.

ARIAS, Patrícia e Jorge Durand. **Migración y Devociones Transfronterizas.** *Revsita Migración Y Dessarollo.* México, Zacatecas, N. 12, Primer Semestre, 2009.

BARTELT, Danilo. **Sertão, República e Nação.** São Paulo, editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LEVINE, Robert. **O Sertão Prometido: o Massacre de Canudos.** São Paulo, EDUSP, 1995.

MONTANARO, Maria Esther M. **Olvido Y Memória: Tomóchic de Heriberto Frias.** In: <http://www.pacarinadelsur.com/home/movimientos/58-olvido-y-memoria-tomochic-de-heriberto-frias>. Acesso: 21/01/2011.

NEWELL, Gillian. **Teresa Urrea: ¿Una Precursora Chicana? Retos de memoria social, historia e identidad de los chicanos de los Estados Unidos.** *Frontera Norte*, Vol 14, Núm. 28, Julio-Diciembre de 2002.

OHMSTEDE, Antonio Escobar. **LAS "SEQUÍAS" Y SUS IMPACTOS EN LAS SOCIEDADES DEL MÉXICO DECIMONÓNICO, 1856-1900.** IN: García Acosta, Virginia, and Red de Estudios Sociales en Prevención. **Historia y desastres en América Latina. Volumen II.** (2010). Disponível em:

<http://www.bvcooperacion.pe/biblioteca/bitstream/123456789/6911/1/BVCI0005689.pdf>
f. Acesso: data: 18/02: 2013. Hora 18: 00.

VILLA, Marco Antonio. **CANUDOS - O POVO DA TERRA.** São Paulo. Editora Ática, 1995.

15

VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão. História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX.** São Paulo, editora Ática, 2000.